

ESTADO DE SÃO PAULO "Pior que a dívida externa do Brasil"

30 JUN 1987

MARIELZA AUGELLI
Especial para O Estado

WASHINGTON — "O problema da Aids no Brasil é muito pior do que a questão da nossa dívida externa. O governo brasileiro precisa multiplicar esforços para controlar a rápida progressão do vírus da Aids, pois o futuro da doença depende de sua prevenção, agora. Se esta doença não for controlada, ela vai destruir a nossa sociedade. O Brasil corre o risco de se desagregar socialmente. E esta desagregação vai atingir todo mundo, do mais rico e poderoso ao mais fraco e pobre".

Este é o alerta do professor de Oncologia e Hematologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Eduardo Cortes, que há quatro anos trabalha como docente e pesquisador no Departamento de Oncologia e Hematologia da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (Ucla), nos Estados Unidos.

Presente ao III Congresso Internacional sobre a Aids, realizado este mês em Washington, onde apresentou suas pesquisas com o Interferon, o professor Eduardo Cortes afirmou estar muito preocupado com o crescimento da doença no nosso país. Em entrevista exclusiva ao Estado, ele falou sobre a situação da Aids no mundo, suas pesquisas e campanhas de prevenção e ainda sugeriu que o Brasil adote, daqui para a frente, uma verdadeira "estratégia de guerra" contra a doença.

Para Eduardo Cortes, é imprescindível que se aplique o teste de detecção do anticorpo do vírus da Aids no sangue de todos os doadores, uma vez que a contaminação por transfusão de sangue, segundo ele, está cada vez mais preocupante. A seguir, os principais pontos da entrevista:

Como o senhor analisa a situação da doença dos países em desenvolvimento?

Entre estes países, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida está melhor estudada na África. Ali, a situação é catastrófica, fora de controle. Por quê? Porque eles não têm dinheiro para cuidar, testar a transfusão de sangue, ou não estão testando o sangue — e isto é imprescindível para parar a doença, em todos os aspectos: no aspecto médico, porque você está cercado uma doença infecciosa; no aspecto humano, porque as pessoas infectadas na transfusão vão acabar desenvolvendo a doença; e no aspecto econômico, porque é muito mais barato prevenir do que tratar os doentes, hoje ainda condenados. Na África, a situação é pior, porque há muitas prostitutas contaminadas e elas se encarregam de espalhar o vírus.

Além dos testes para doadores de sangue, qual é outra medida de prevenção importante que não está sendo feita nos países em desenvolvimento?

A educação. Isto é extremamente importante e parece que os países do Terceiro Mundo ainda não perceberam isso. É preciso educar a população como um todo. Não basta fazer propaganda na televisão. É preciso educar pais, professores, alunos. O assunto deve ir para as escolas, precisamos de grupo de voluntários para fazer campanha de prevenção nas várias comunidades da periferia das grandes cidades. Toda a população deve colaborar.

Na sua opinião, como está o combate à Aids no Brasil?

Algo que as autoridades precisam fazer, urgentemente, é a obrigatoriedade do teste de detecção do anticorpo da Aids para os doadores de sangue, em nível nacional. É pre-

ciso regularizar os bancos de sangue com rigor. Estive no Brasil em janeiro e, conversando com um dono de banco de sangue de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, com cerca de 140 mil habitantes, ele me disse que testou o sangue e encontrou quatro amostras contaminadas, numa porcentagem de 0,2% de sangue infectado.

Imagine, em um pequeno banco de sangue do interior... Está certo que a Aids é uma doença de grandes centros urbanos, mas hoje todo mundo circula pelos grandes centros urbanos e todos estão sujeitos a uma transfusão de sangue, inesperadamente. E mais: as campanhas de educação da população devem ir para as escolas, igrejas, sindicatos, associações de classe, todo mundo deve estar sensibilizado de uma certa forma. E não foi isso que vi quando estive lá.

Quanto custa hoje o tratamento de um paciente com Aids nos Estados Unidos?

De acordo com uma pesquisa feita no final do ano passado, os Estados Unidos estão gastando cerca de 40 mil dólares (Cz\$ 1,7 milhão) por paciente em período terminal da doença. Só para fazer um exercício de cálculo, estima-se que cerca de dois a três milhões de americanos estão contaminados e, se cerca de dois milhões contraírem a doença, o custo hospitalar será de 80 bilhões de dólares. Isto é preocupante até para uma economia forte como a americana. Agora, imaginem-se os custos indiretos desta doença, que atinge os jovens em período de maior produção — entre 30 e 40 anos. Segundo o Ministério de Saúde americano, estima-se em sete milhões de dólares os custos indiretos da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Como estão as pesquisas em torno de vacinas e remédios para combater a Aids?

Há atualmente várias drogas sendo testadas. Nós, na Universidade da Califórnia, estamos testando o Interferon associado com certas substâncias que o próprio corpo produz, em pequenas quantidades. Estes modificadores biológicos são produzidos no sistema imune e estou fazendo testes em células infectadas em laboratório. Neste último congresso de Washington, foram apresentados resultados promissores com a droga sintética Peptide T, feita de um aminoácido que temos no nosso organismo e que deverá ser testado em pacientes agora nos Estados Unidos. Os especialistas do Instituto Karolinska, em Estocolmo, demonstraram que pacientes terminais de Aids, que receberam o tratamento com Peptide T, tiveram reduzidas algumas lesões no sistema nervoso central, provocadas pelo vírus da Aids. Mas não convém alimentar falsas esperanças, antes que a droga seja ministrada em um número considerável de pacientes e apresente resultados conclusivos.

Como o senhor vê o futuro desta epidemia, principalmente nos países em desenvolvimento e, particularmente, no Brasil?

Tudo que fizermos no presente vai ser determinante para o futuro da doença, principalmente nos países em desenvolvimento. Corremos um sério risco de desagregação social se não forem tomadas medidas necessárias para parar a progressão da doença. Caso contrário, vai ser uma calamidade sem precedentes na história do nosso país. A Aids é pior do que todas as grandes pestes que a história já conheceu. E nós não podemos deixar que a doença se alastre como na África, onde há cerca de 12% da população infectada.